

CARAMBAIA

**OS
DIAS
DIAS
TURBIN**

Mikhail Bulgákov

TRADUÇÃO, PREFÁCIO E NOTAS
Irineu Franco Perpetuo

**OS
DIAS
DIAS
TURBIN**

**OS
MORTOS
FALAM
COM
A Voz**

Peça em quatro atos

**OS
MORTOS
FALAM
COM
A Voz**

PREFÁCIO

Irineu Franco Perpetuo

Em pleno regime soviético, uma peça retrata, do ponto de vista de uma família anticomunista, a guerra civil que se seguiu à Revolução de Outubro. É disputada por dois dos principais teatros de Moscou, obtém êxito de público e conta com a defesa apaixonada de ninguém menos que o todo-poderoso Stálin. A trajetória de *Os dias dos Turbin*, de Mikhail Afanássievitch Bulgákov (1891-1940), por vezes parece tão conturbada quanto os eventos que leva aos palcos.

Uma nevasca me despertou certa vez. Março era tempestuoso e furibundo, embora já se encaminhasse para o fim. E novamente... acordei em lágrimas!... E novamente aquelas mesmas pessoas, e novamente a cidade distante, o flanco do piano, os tiros, e ainda alguém tombado na neve.

Essas pessoas nasceram em sonho, saíram do sonho e, da forma mais sólida, instalaram-se em minha cela. Estava claro que não dava para me separar delas daquele jeito. Mas o que fazer com elas?

Assim Bulgákov descreve o começo do processo criativo desta que foi sua primeira peça de teatro, *Os dias dos Turbin*. A cronologia do relato parece algo imprecisa, já que, pela documentação existente, sabe-se que o esboço inicial do texto é datado não de março, mas de 19 de janeiro de 1925. Adaptação do romance *A Guarda Branca*, sua estreia nos palcos estaria marcada por fortes elementos autobiográficos.

Nascido em Kíev, filho de um teólogo, Bulgákov formou-se em medicina em 1916, atuando, a exemplo de seus dois irmãos, Nikolai e Ivan, na guerra civil, no exército dos brancos (contra os bolcheviques). Com a vitória vermelha, quis emigrar, mas, padecendo de tifo, não conseguiu. Abandonou a carreira de médico, virou literato e, nessa condição, saiu da Ucrânia, rumo a Moscou, em 1921.

Bulgákov não faz grandes esforços para distanciar os personagens e eventos do romance e da peça daquilo que ele mesmo vivenciou durante o conflito armado. Os protagonistas pertencem à família Turbin – sobrenome de solteira da avó materna do escritor. A casa onde transcorre a ação é a mesma em que Bulgákov passou a juventude e que desde 1989 sedia, em Kíev, um museu dedicado a ele. Seus irmãos Varvara (1895-1956) e Nikolai (1898-1966, biólogo, que emigrou após a Guerra Civil) forneceram os protótipos de Elena e Nikolka, enquanto Aleksei Turbin é seu alter ego. Também é possível determinar as pessoas reais que serviram de modelo para Mychlaiévski (Nikolai Syngaiévski, amigo de infância do escritor que emigrou para a Polônia), Chervínski (Iuri Gladyrevski, regente de coro radicado na França), Thalberg (Leonid Karum, marido de Varvara, militar que serviu aos brancos e, depois, aos bolcheviques) e Larióssik (Nikolai Sudzilóvski, estudante, alistado entre os brancos em 1919, e cujo destino é desconhecido).

“Estive reiteradamente no prédio do colégio em 1918”, afirmaria o escritor mais tarde. “Em 14 de dezembro, estava nas ruas de Kíev. Vivi de perto aquilo que aparece no romance.”

Primeiro romance do autor, *A Guarda Branca* teve uma história de publicação agitada – como que pressagiando as perturbações de *Os dias dos Turbin*. Em 1924, Bulgákov assinou um contrato com a revista *Rússia*, que editou a primeira parte do romance em janeiro de 1925, em seu quarto número, e a segunda em abril do mesmo ano, no quinto. A revista fechou em seguida; dessa forma, a terceira e última parte de *A Guarda Branca* não foi publicada – contudo, o manuscrito não chegou a ser restituído a Bulgákov. Uma versão ilegal saiu em Riga, na Letônia, em 1927, com uma terceira parte completamente inventada por seus editores. À revelia do autor, *A Guarda Branca* também saiu em Paris, na década de 1920, enquanto na Rússia só foi publicada em livro em 1966, 26 anos após o falecimento de Bulgákov, graças aos esforços da viúva, Elena Serguêievna (que também foi a responsável pela pu-

blicação póstuma da obra-prima do escritor, o romance *O mestre e Margarida*).

O fato é que, apesar de todos os percalços, Bulgákov, que jamais escrevera para os palcos, recebeu, em 1925, propostas de adaptação de *A Guarda Branca* de dois dos mais respeitáveis teatros da capital soviética: o Vakhtágov e o Teatro de Arte de Moscou – a companhia fundada em 1898 por Konstantin Stanislávski (1863-1938) e Vladímir Nemiróvitch-Dántchenko (1858-1943), que ficara célebre por suas encenações das obras-primas de Anton Tchékhov (1860-1904). O escritor optou pelo segundo, consolando o primeiro com a promessa de um texto inédito: *O apartamento de Zoia*.

A primeira das três versões da peça foi redigida entre junho e agosto de 1925. Seu título ainda era o mesmo do romance: *A Guarda Branca*. Em outubro, o comissário do povo de Instrução (equivalente ao ministro de Educação e Cultura), Anatoli Lunatchárski (1875-1933), que tinha veleidades de dramaturgo, escreveu ao Teatro de Arte de Moscou dizendo que não via “nada de inadmissível do ponto de vista político na obra”. Suas restrições eram de outra natureza: “Considero Bulgákov uma pessoa muito talentosa, mas essa peça é excepcionalmente medíocre, à exceção das cenas mais ou menos vivas do rapto do hétmã”. Lunatchárski conclui, implacável: “Nenhum teatro mediano aceitaria essa peça, justamente em vista de sua opacidade, decorrente, provavelmente, da absoluta debilidade dramática ou extrema inexperiência do autor”.

A opinião de uma autoridade tão graúda não podia deixar de ser levada em consideração. O teatro convocou uma reunião extraordinária em 14 de outubro, concluindo que a peça deveria sofrer modificações profundas. Só poderia subir ao palco menor da casa na temporada corrente; para ser encenada no palco principal, teria de esperar pela temporada seguinte.

Bulgákov, contudo, não transigiu. Só lhe interessava a encenação no palco principal, e naquela temporada. Aceitava “modificações, porém nenhuma transformação radical no núcleo da peça”. Como atores e diretores da casa tinham

apreciado o texto, eles chegaram rapidamente a um acordo com o autor, que, em dois meses, chegou à segunda versão da peça. Se o conflito principal era entre os brancos e os nacionalistas de Petliura, e os bolcheviques jamais entravam em cena, fazia-se necessário eliminar as referências nominais a altos dirigentes do Partido Comunista, como Trótski, que, na primeira redação, era mencionado com frequência. Além disso, o texto foi encurtado de cinco para quatro atos. A companhia recebeu a nova versão de Bulgákov em janeiro de 1926, e imediatamente começou a trabalhar nela — com euforia.

O espetáculo passou a ser encarado pelo grupo como a “nova *Gaivota*” — referência à importância fundamental que a encenação da peça de Tchékhov, em sua primeira temporada, tivera para os rumos do Teatro de Arte de Moscou. A direção ficou a cargo de Iliá Sudakov (1890-1969), porém Stanislávski acompanhava os ensaios com empolgação — assim como Bulgákov, a respeito de quem o encenador veterano afirmou: “Ele pode virar diretor. Não é apenas um literato, é também um ator. Julgo pelo jeito com que ele instrui os atores nos ensaios dos *Turbin*”. A companhia estava tão feliz com Bulgákov que, em março de 1926, fechou um acordo para encenar uma adaptação de uma de suas principais novelas: *Um coração de cachorro*.

Logo viria, contudo, o balde de água fria: em 7 de maio de 1926, o apartamento do escritor foi visitado por um juiz de instrução e um policial, que confiscaram justamente os manuscritos de *Um coração de cachorro*, além dos diários de Bulgákov — material que só lhe seria restituído três anos depois, em 1929.

Começou então um jogo intrincado, envolvendo demandas do teatro por alterações na peça, relutâncias crescentes de Bulgákov em aceitá-las, e a ação dos inimigos do escritor para simplesmente impedir sua encenação. No primeiro ensaio geral fechado, em 24 de junho, estes pareciam ter ganho a disputa: o veredito dos censores era de que talvez o espetáculo devesse ser vetado e só pudesse ser encenado “dentro de cinco anos”. Incomodava, especial-

mente, a cena do colégio; achava-se que os brancos apareciam com dignidade excessiva, exigindo episódios em que eles fossem desacreditados.

Para viabilizar a montagem, a peça sofreu novas mudanças — resultando em sua terceira e última versão, que foi utilizada como base para esta tradução. A cena do colégio foi reescrita, e o título, modificado. Bulgákov rejeitou a sugestão de chamar o espetáculo de *Antes do fim*, mas acabou aceitando *Os dias dos Turbin*. Ao que parece, a mudança que mais afetou o dramaturgo foi a supressão da cena em que um judeu era martirizado pelas forças de Petliura.

Em 22 de setembro, ainda em consequência do material apreendido em seu apartamento, Bulgákov foi convocado para um interrogatório secreto no GPU (*Gossudárstvennoie Politícheskoie Upravliênie*, Direção Política do Estado, órgão de segurança antecessor do KGB). A data estava longe de ser ocasional: era a véspera do ensaio geral — aberto ao público — de *Os dias dos Turbin*. No processo, Bulgákov afirmou francamente que, durante a Guerra Civil, suas “simpatias eram inteiramente voltadas para o lado dos brancos, cuja retirada via com temor e perplexidade”. Disse ainda: “Os fenômenos negativos da vida no País dos Soviotes atraem minha atenção porque neles vejo instintivamente um alimento para mim (sou um satírico)”. De qualquer forma, o ensaio geral teve êxito, e a peça foi liberada para encenação.

“O espetáculo despertou as mais apaixonadas e controversas reações. A plateia transbordou de emoção”, descreve Homero Freitas de Andrade, em *O diabo solto em Moscou*, sobre a estreia, ocorrida em 5 de outubro de 1926.

Ataques histéricos, desmaios. Sete espectadores foram parar no pronto-socorro. Os acontecimentos históricos abordados na peça ainda permaneciam muito vivos na memória das pessoas. Espectadores, que nos idos da Revolução estiveram em Kíev, identificavam-se com as personagens, atestavam a veracidade das cenas representadas, confundiam

realidade e ficção. Houve quem jurasse ter conhecido pessoalmente o médico Aleksei Turbin. Ao término, a cortina foi erguida nove vezes para que os atores recebessem os aplausos frenéticos do público. Exigiam em coro a presença do autor no palco, mas Bulgákov, com os nervos à flor da pele, retirara-se sorratamente antes do fim da última cena.

Calcula-se que, entre 1926 e 1941, a peça teve nada menos que 987 récitas. Além disso, *Os dias dos Turbin* ganhou um fã inesperado — Stálin. Conta-se que o ditador assistiu à peça não menos do que dezesseis vezes. E não perdeu oportunidade de protegê-la. Em dezembro de 1928, o dramaturgo Vladímir Bill-Belotserkóvski (1884-1970) enviou ao ditador, em nome da Associação Teatro Proletário, uma carta agressiva em que questionava a razão de Bulgákov ter conseguido “a encenação de quatro peças claramente antissoviéticas nos três maiores teatros de Moscou”, criticando *A debandada* e *Os dias dos Turbin* por fazerem “apologia do heroísmo branco” (já que os brancos eram oponentes dos bolcheviques na Guerra Civil).

Ao responder, em 7 de fevereiro de 1929, Stálin definiu *A debandada* como “fenômeno antissoviético”, mas defendeu o outro texto.

No que se refere especificamente à peça *Os dias dos Turbin*, não é tão má, pois causa mais benefício do que dano. Não se esqueça de que a principal impressão que essa peça deixa no espectador é favorável aos bolcheviques: “Se até mesmo gente como os Turbin é forçada a depor as armas e se submeter à vontade do povo, reconhecendo sua causa como definitivamente perdida, quer dizer que os bolcheviques são invencíveis, que contra eles, os bolcheviques, não é possível fazer nada”. *Os dias dos Turbin* é uma demonstração da força demolidora do bolchevismo. Claro que o autor não tem nenhuma “culpa” dessa demonstração. Mas o que isso nos importa?

Mais tarde, em uma reunião com escritores ucranianos, o ditador repetiria o mesmo argumento: mesmo sem querer, Bulgákov teria demonstrado, com a peça, o poder indestrutível dos bolcheviques.

Mesmo assim não se pode dizer que o escritor desfrutou de facilidades após o êxito de *Os dias dos Turbin*. Pelo contrário: o desespero por não conseguir trabalhar era tão grande que, em 1930, ele escreveu uma carta aos mandatários da URSS, pedindo permissão para deixar o país em companhia da esposa. A resposta veio em um telefonema do próprio Stálin, que resultou na contratação do autor de *O mestre e Margarida* como diretor assistente do Teatro de Arte de Moscou.

O novo emprego resolveu suas vicissitudes financeiras, mas não as dificuldades de publicação e, no fim da vida, Bulgákov fez ainda um aceno ao mandatário supremo da URSS: a peça *Batumi*, que descrevia a juventude de Stálin. A estreia, pelo Teatro de Arte de Moscou, chegou a ser marcada para 21 de dezembro de 1939, a fim de coincidir com o aniversário de sessenta anos do homenageado. Bulgákov e a trupe do teatro tinham embarcado em uma viagem de trem para a Geórgia, onde a peça era ambientada, para fazer pesquisas relacionadas à encenação, quando um aviso os fez voltar no meio do caminho. A montagem tinha sido proibida. Embora recitasse de cor diversas falas de *Os dias dos Turbin*, Stálin não apreciara as palavras que haviam sido postas em sua boca pelo escritor. Aprovado como dramaturgo, Bulgákov não servia para redator de discursos. Sua arte pairava acima das platitudes oficiais.

Irineu Franco Perpetuo é tradutor e crítico musical. Traduziu, diretamente do russo, Vida e destino, de Vassili Grossman (segundo lugar no Prêmio Jabuti), O mestre e Margarida, de Mikhail Bulgákov, e Memórias de um caçador, de Ivan Turguêniev, entre outros.

CRONOLOGIA

Sequência de fatos históricos que explicam o contexto em que se passa a peça. As datas entre parênteses pertencem ao calendário juliano, que a Rússia empregava até fevereiro de 1918, quando adotou o calendário gregoriano, em vigor no Ocidente.

8 de março (23 de fevereiro)	1917 eclode em Petrogrado (ex-São Petersburgo, então capital da Rússia) a revolução que derruba a monarquia dos Románov.
17 (4) de março	proclamado, em Kíev, o Conselho Central (Tsentrálnaia Rada) da Ucrânia.
22 (9) de março	a Rada publica sua primeira declaração, apoiando o governo provisório que substituiu os Románov após a Revolução de Fevereiro.
27 (14) de março	Myhailo Hrushevsky (1866-1934) assume a chefia da Rada.
19-21 (6-8) de abril	realiza-se o Congresso Nacional Ucrâniano, que transforma a Rada no parlamento do país.
23 (10) de junho	a Rada proclama a autonomia da Ucrânia em relação à Rússia.
28 (15) de junho	a Rada constitui seu órgão executivo, o secretariado-geral. O jornalista Semion Vassílievitch Petliura (1879-1926) assume como secretário-geral para assuntos militares.
7 de novembro (25 de outubro)	os bolcheviques derrubam o governo provisório de Aleksandr Kérenski (1881-1970), em Petrogrado, e tomam o poder na Rússia.
20 (7) de novembro	proclamação da República Popular da Ucrânia, como parte autônoma da Rússia.

dezembro primeiros enfrentamentos militares entre bolcheviques e nacionalistas ucranianos.

1918

22 de janeiro a República Popular da Ucrânia declara sua independência da Rússia.

fevereiro os bolcheviques tomam Kíev.

3 de março a Rússia encerra sua participação na Primeira Guerra Mundial ao assinar o tratado de paz de Brest-Litovsk com as Potências Centrais, fazendo grandes concessões territoriais à Alemanha e reconhecendo a independência da Ucrânia, garantida por tropas germânicas.

29 de abril com o apoio militar alemão, Pavlo Skoropádski (1873-1945) dissolve a Rada, de tendências socialistas não bolcheviques, e se declara hétmã da Ucrânia, utilizando o título historicamente concedido ao chefe dos cossacos. Líder de tropas nacionalistas na guerra contra os bolcheviques, Semion Petliura (1879-1926) é preso pelo hétmã.

julho o líder anarquista Néstor Makhnó (1888-1934) levanta-se contra Skoropádski. Lutando de forma alternada e independente contra “vermelhos” (comunistas) e “brancos” (anticomunistas), o Exército Insurgente da Ucrânia, de Makhnó, permaneceria ativo até o fim do verão de 1921.

11 de novembro capitulação da Alemanha na Primeira Guerra Mundial.

13 de novembro a Rússia soviética declara nulo o tratado de Brest-Litovsk.

16 de novembro o Diretório da República Popular da Ucrânia rebela-se contra o hétmã.

14 de dezembro sem o apoio do exército alemão, em retirada devido à derrota na Primeira Guerra Mundial, o hétmã renuncia; tomada de Kíev pelas tropas do Diretório, chefiadas por Petliura.

1919

janeiro guerra entre a Ucrânia e a Rússia soviética.

18 de janeiro a 5 de fevereiro ofensiva das tropas soviéticas contra Kíev, que acaba sendo capturada. Petliura retira-se e comanda a resistência aos russos, primeiro em solo ucraniano, depois na Polônia.

1921

Segunda Campanha de Inverno, última e fracassada tentativa militar dos nacionalistas ucranianos contra os bolcheviques.

1922

30 de dezembro a Ucrânia é uma das repúblicas fundadoras da URSS.

1926

exilado em Paris desde 1924, Petliura é assassinado pelo poeta de língua iídiche Sholem Schwarzbard (1886-1938).

NIAMI TURBAIN

5005

5005

5005

5005

5005

5005

5005 TURBAIN

PERSONAGENS

Aleksei Vassilievitch Turbin
(também Aliocha e Aliochka)
coronel de artilharia, 30 anos

Nikolai Turbin
(Nikolka e Nikolacha)
seu irmão, 18 anos

Elena Vassilievna Thalberg
(Lénotchka)
irmã deles, 24 anos

Vladimir Róbertovitch Thalberg
(Volódia)
coronel do estado-maior, marido de Elena,
38 anos

Víktor Víktorovitch Mychlaiévski
(Vítienka)
capitão do estado-maior da artilharia, 38 anos

Leonid Iúrievitch Chervínski
tenente, ajudante pessoal do hétmã

Aleksandr Bronislávovitch Studzínski
capitão, 29 anos

Larión Lariónovitch Surjánski
(Larióssik)
primo vindo de Jitómir, 21 anos

Hétmã de toda a Ucrânia

Bolbotun
comandante da primeira divisão
de cavalaria dos petliurovistas¹

¹
Seguidores de Semion
Petliura. Ver cronologia.

²
Comandante de
centúria de cossacos.
Patente equivalente
à de segundo-tenente.

Galanbá
*sótnik*² petliurovista,
ex-capitão dos ulanos

Uragan

Kirpáty

Von Schratt
general alemão

Von Dust
major alemão

Médico do exército alemão

Desertor da Setch
exército cossaco

Um homem com uma cesta

Criado da corte

Maksim
bedel de colégio, 60 anos

³
Historicamente,
rebeldes ucranianos
do século XVIII.
A denominação foi
adotada também por
grupos nacionalistas
ucranianos que,
durante a Guerra
Civil, combateram
bolcheviques e
brancos, em prol de
uma Ucrânia
independente.

Haydamak³
telefonista

Primeiro oficial
Segundo oficial
Terceiro oficial

Primeiro cadete
Segundo cadete
Terceiro cadete

Cadetes e haydamaks

O primeiro, o segundo e o terceiro
atos transcorreram no inverno de 1918;
o quarto, no começo de 1919.
A ação se passa na cidade de Kíev.

ATO

1

PRIMEIRO QUADRO

Apartamento dos Turbin. Noite. Lareira acesa. Quando as cortinas se abrem, o relógio bate nove vezes, tocando suavemente o minueto de Boccherini. Aleksei está debruçado sobre papéis.

- Nikolka *(Toca violão e canta)*
Boatos piores a cada hora.
Petliura está vindo para cima!
Carregamos as metralhadoras,
Atiramos em Petliura,
Metralhadoras-doras-doras...
Queridinhas-dinhas...
Salvaram-nos, bravas!
- Aleksei Só o diabo é que sabe o que você está cantando!
Canções de cozinheiros. Cante algo mais decoroso.
- Nikolka Por que de cozinheiro? Eu mesmo que compus,
Aliocha. *(Canta)*
Quer cante, quer não cante,
Sua voz não é adequada!
Há umas vozes...
De deixar o cabelo em pé...
- Aleksei Isso fala exatamente da sua voz, Nikolka.
- Nikolka Aliocha, que gratuito, meu Deus!
Tenho uma boa voz, verdade que não como a de Chervínski, mas mesmo assim muito decente. Dramática, muito provavelmente de barítono. Lénotchka, ah, Lénotchka!
Na sua opinião, como é a minha voz?
- Elena *(De seu quarto)* De quem? A sua? Não existe.
- Nikolka Ela está aflita, por isso responde assim.
A propósito, Aliocha, o professor de canto me

disse: “Nikolai Vassílievitch, o senhor estaria na ópera, na verdade, poderia cantar, se não fosse a revolução”.

Aleksei Seu professor de canto é um imbecil.

Nikolka Eu já sabia. Perturbação completa de nervos na casa dos Turbin. O professor de canto é um imbecil. Eu não tenho voz, mas ontem ainda tinha, e pessimismo generalizado. Mas eu sou, por natureza, mais propenso ao otimismo. *(Tange as cordas)* Mas saiba, Aliocha, que mesmo eu começo a me inquietar. Já são nove horas, e ele disse que chegaria de manhã. Será que aconteceu alguma coisa?

Aleksei Fale mais baixo. Entendeu?

Nikolka Deus criador, que encargo é ter uma irmã casada.⁴

⁴
Citação da comédia
em versos *A desgraça
de ter espírito* (1825),
de Griboiédov.

Elena *(De seu quarto)* Que horas são aí na sala de jantar?

Nikolka Eh... Nove. Nosso relógio está adiantado, Lénotchka.

Elena *(De seu quarto)* Não invente, por favor.

Nikolka Xi, está nervosa. *(Canta)*
Neblina... Ah, como tudo é neblina!...⁵

⁵
Canção (Op. 131, 1907)
de Mikhail Kárlóvitch
Steinberg (1867-?).

Aleksei Não me dilacere a alma, por favor. Cante algo mais alegre.

Nikolka *(Canta)*
Olá, meus veranistas!

Olá, minhas veranistas!
Nossa retirada começou faz tempo...
Hei, minha canção!... Amada!...
Garra-garra-garra, garrafinha
De vinho estatal!
Imponentes quepes sem viseira,
Botas da moda,
São os cadetes da guarda...

A luz se extingue de repente. Do outro lado da janela passa um destacamento militar, cantando.

Aleksei Só o diabo sabe o que é isso! Apaga a todo minuto. Lénotchka, dê-me as velas, por favor.

Elena *(De seu quarto)* Sim!... Sim!...

Aleksei Passou uma unidade.

Elena, entrando com a vela, apura o ouvido. Um tiro de canhão distante.

Nikolka Que perto. Dá a impressão de que estão atirando lá por Sviatóchino. Interessante, o que está acontecendo lá? Aliocha, você pode me enviar para apurar o que se passa no estado-maior? Eu iria.

Aleksei Claro, era só o que faltava. Sente e fique quieto, por favor.

Nikolka Às ordens, senhor coronel... Eu, no fundo, porque, você sabe, a inação... é meio ultrajante... Lá as pessoas estão se batendo... Quem sabe se nossa divisão se preparasse mais rápido.

Aleksei Quando precisar de seus conselhos para os preparativos da divisão, eu mesmo peço. Entendeu?

Nikolka Entendi. Perdão, senhor coronel.

A luz acende.

Elena Aliocha, onde está meu marido?

Aleksei Está vindo, Lénotchka.

Elena Mas como assim? Ele disse que viria de manhã, já são nove horas, e até agora não chegou. Será que aconteceu algo com ele?

Aleksei Ora, Lénotchka, é claro que não. Pois você sabe que os alemães protegem a linha leste.

Elena Mas por que ele não chegou até agora?

Aleksei Bem, pelo jeito estão parando a cada estação.

Nikolka Viagem de revolução, Lénotchka. Anda-se uma hora, para-se duas.

Campainha.

Mas é ele, eu disse! *(Corre para abrir a porta)*
Quem é?

voz de Mychlaiévski Abra logo, pelo amor de Deus!

Nikolka *(Deixa Mychlaiévski ingressar na antessala)*
Mas é você, Vítienka?

Mychlaiévski Mas é claro que sou eu, e que me dane! Nikol, pegue o fuzil, por favor. Ah, mãe dos demônios!

Elena Viktor, de onde você veio?

Mychlaiévski Dos arredores de Krásny Traktir. Pendure com cuidado, Nikol. No bolso tem uma garrafa de vodca. Não quebre. Permita-me, Lénotchka, passar a noite, não chegarei em casa, estou completamente congelado.

Elena Ah, Deus, claro! Vá logo para o fogo.

Vão até a lareira.

Mychlaiévski Ai... ai... ai...

Aleksei Mas e eles, não podiam ter lhe dado umas botas de feltro, ou alguma coisa?

Mychlaiévski Botas de feltro! São uns tremendos calhordas! *(Precipita-se para o fogo)*

Elena É o seguinte: o banho já está aquecendo, tirem-lhe logo essa roupa enquanto preparo uma limpa. *(Sai)*

Mychlaiévski Querido, tire, tire, tire...

Nikolka Agora, agora. *(Tira as botas de Mychlaiévski)*

Mychlaiévski De leve, irmãozinho, oh, de leve! Preciso tomar uma vodca, uma vodquinha.

Aleksei Agora mesmo.

Nikolka Aliocha, os dedos dos pés estão congelados.

Mychlaiévski Pela mãe dos diabos, perdi os dedos, perdi, está claro.

Aleksei Mas o que é isso? Vão descongelar. Nikolka, esfregue-lhe os pés com vodca.

Mychlaiévski Ora, se eu vou deixar desperdiçar vodca com os pés. *(Bebe)* Esfregue com a mão. Dói!... Dói!... De leve.

Nikolka Ai, ai, ai! Como o capitão congelou!

Elena *(Aparece com um roupão e chinelos)*
Para o banho, agora mesmo. Tome!

Mychlaiévski Que Deus lhe dê saúde, Lénotchka.
Deem-me mais vodca. *(Bebe)*

Nikolka E então, esquentou, capitão?

Mychlaiévski Ficou mais fácil. *(Fuma)*

Nikolka Diga, o que se passa perto de Traktir?

Mychlaiévski Tem uma nevasca perto de Traktir.
É isso que tem lá. Eu pegaria essa nevasca, o gelo, os calhordas dos alemães e Petliura!...

Aleksei Mas não entendo, por que mandaram-no para Traktir?

Mychlaiévski Tem uns mujiques perto de Traktir.
Aqueles mesmos mujiques gentis das obras do conde Lev Tolstói!

Nikolka Mas como assim? Se nos jornais escrevem que os mujiques estão do lado do hétmã...

Mychlaiévski O que há, cadete, quer me apontar os jornais? Eu penduraria toda essa corja jornalística num só galho! Hoje de manhã, num reconhecimento, dei de cara com um vovô e perguntei: “Cadê os seus garotos?”. Era como se a aldeia estivesse morta. Ele, cego, não viu

que eu tinha dragonas debaixo do capuz, e respondeu: “Foram se unir a Petliura...”.

Nikolka Ai, ai, ai, ai...

Mychlaiévski Exatamente, “ai, ai, ai, ai”... Peguei esse coroca de Tolstói pelo peitilho e disse: “Foram correr para Petliura? Pois agora vou lhe dar um tiro, velho... Comigo você vai saber como se corre para Petliura. Comigo, você vai sair correndo para o reino dos céus”.

Aleksei E como você veio parar na cidade?

Mychlaiévski Renderam-nos hoje, glória a vós, Senhor! Chegou um corpo de infantaria. Armei um escândalo no posto do estado-maior. Foi horrível! Estavam sentados lá, bebendo conhaque no vagão. Eu disse: “Vocês ficam sentados com o hétmã no palácio, mas enxotam os oficiais de artilharia para o meio do gelo, de botas comuns, para trocar tiros com os mujiques!”. Eles não sabiam o que fazer comigo. Disseram: “Capitão, vamos enviá-lo a qualquer unidade de artilharia, de acordo com sua especialidade. Dirija-se à cidade...”. Aliocha, leve-me consigo.

Aleksei Com satisfação. Eu mesmo já queria chamá-lo. Vou lhe dar a primeira bateria.

Mychlaiévski Meu benfeitor...

Nikolka Hurra!... Estaremos todos juntos. Studzínski será o oficial superior... Maravilha!...

Mychlaiévski Onde vocês estão?